

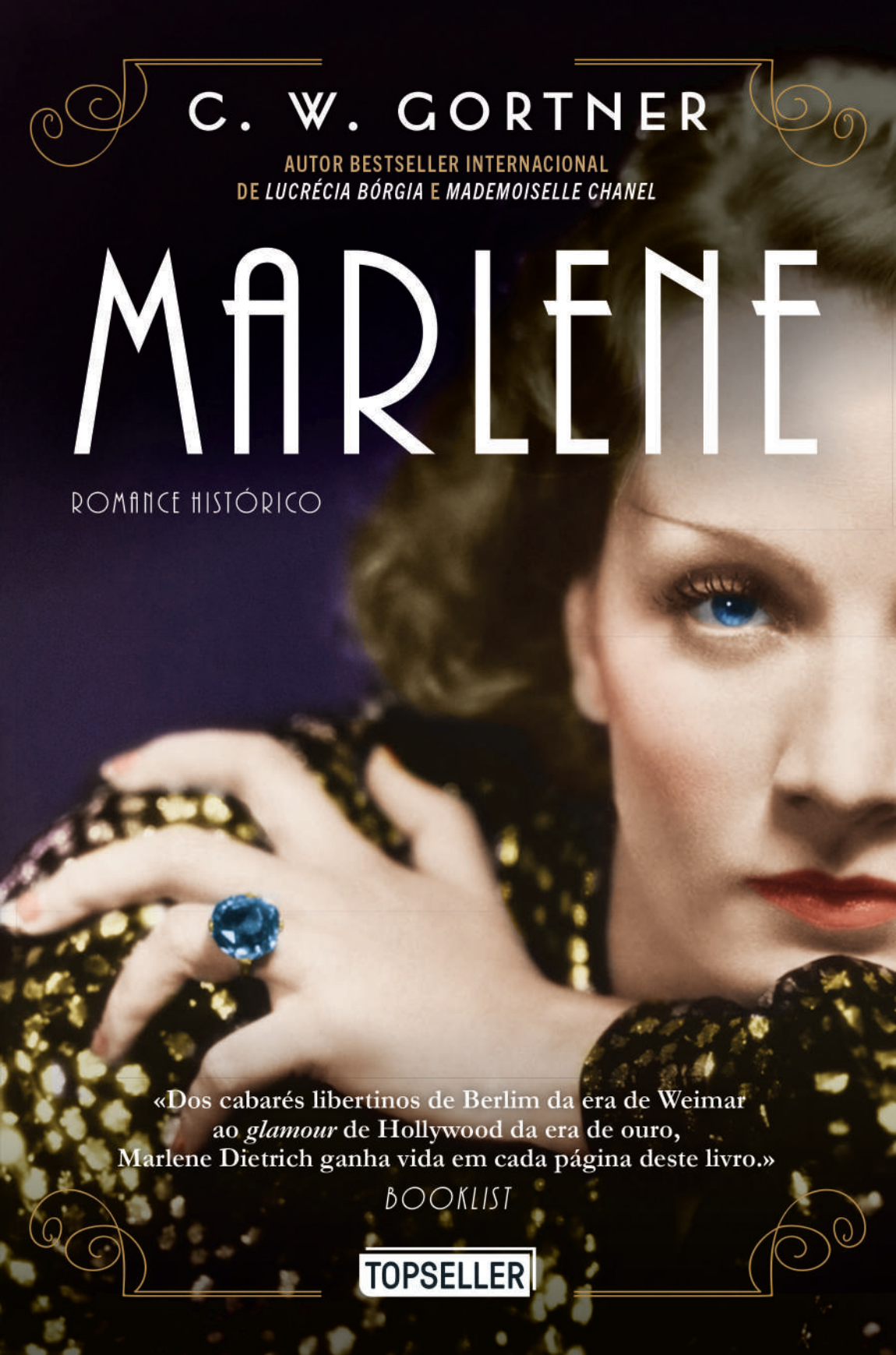


C. W. GORTNER

AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL
DE LUCRÉCIA BÓRGIA E MADEMOISELLE CHANEL

MARLENE

ROMANCE HISTÓRICO



«Dos cabarés libertinos de Berlim da era de Weimar
ao *glamour* de Hollywood da era de ouro,
Marlene Dietrich ganha vida em cada página deste livro.»

BOOKLIST



TOPSELLER

Para o meu pai

No fundo, sou um cavalheiro.

MARLENE DIETRICH

CENA UM

OS DIAS DE ESTUDANTE

1914-1918

«NÃO TIVE NADA QUE VER COM O MEU NASCIMENTO.»

I

Tinha 12 anos quando me apaixonei pela primeira vez.

Aconteceu na Auguste-Viktoria-Schule, no município suburbano de Schöneberg, a sudoeste de Berlim. Ali, num edifício grande e atarracado, guardado por um portão de ferro forjado, cuja extravagante fachada de reboco escondia um labirinto de salas de aula geladas, estudei Gramática, Aritmética e História, seguidas de competências domésticas e de uma hora de ginástica estimulante, terminando o dia com uma desnecessária aula de Francês.

Não gostava da escola, mas não por falta de inteligência. Em criança, a minha educação fora supervisionada por uma série de precetoras, embora a minha irmã Elisabeth — Liesel para a família —, um ano mais velha do que eu, recebesse a maior parte da atenção devido à sua débil saúde. As aulas de Inglês, Francês, conduta e postura, dança e música eram o nosso regime diário, disciplinas nas quais a nossa mãe nos exigia uma perfeição irrepreensível. Embora eu estivesse mais bem preparada do que a maioria para os rigores da aprendizagem institucional, não gostava da escola porque não me enquadrava com as minhas colegas, com os seus dedos sujos de compota e as suas confidências; todas se conheciam desde a infância, e chamavam-me «Rato» por conta da minha timidez, não imaginando que «tímida» seria a última palavra que a minha mãe usaria para me descrever.

Não que a minha mãe tolerasse queixas. Quando o meu pai morreu de paragem cardíaca, tinha eu 6 anos, a necessidade premente de economizar sobrepôs-se à nossa dor. Tínhamos de manter as aparências. Afinal, a viúva, Josephine Dietrich, pertencia à distinta família dos Felsings

de Berlim, fundadores da reputada Companhia de Relógios Felsing, que operou sob patente imperial durante mais de um século. A minha mãe recusava-se a aceitar a caridade da família, embora a prestação por morte do meu pai, que fora tenente da polícia suburbana, não tivesse muito por onde esticar.

Assim que ele foi enterrado, as precetoras desapareceram, consideradas um luxo inoportuno. Devido às indisposições vagamente diagnosticadas da Liesel, a minha mãe arranhou emprego como governanta e traçou um plano educativo para a minha irmã seguir em casa. Enquanto isso, vestia-me o uniforme cinzento engomado, entrançava-me o cabelo louro, rematado com um grande laçarote de tafetá, e calçava-me os sapatos de couro envernizado, que me apertavam os dedos dos pés, fazendo-me marchar para a escola, onde umas solteironas irrepreensíveis me moldariam o carácter. «Porta-te bem», admoestava ela. «Vê se tens maneiras, e faz o que te mandam. Estás a perceber o que te estou a dizer? Eu que não ouça que és pretensiosa! Tiveste mais regalias do que muitas, mas filha minha não se gaba dos seus méritos.»

Na verdade, ela não tinha com que se preocupar. Em casa, eu era muitas vezes repreendida por causa do meu espírito competitivo, sempre a tentar superar a Liesel, mas, assim que transpus o portão da escola, percebi que era melhor agir como se soubesse o mínimo possível, reprimida com as cliques tribais e os olhares desconfiados das minhas colegas. Ninguém poderia suspeitar que eu possuía uma capacidade de compreensão que ultrapassava o rudimentar, incluindo em Francês, uma língua que todas as raparigas de boas famílias tinham de aprender, mas com que nenhuma rapariga alemã de boas famílias deveria estar demasiado familiarizada, carregada de insinuações proibidas com os seus erros ronronados e esses sedutores. Fingindo ignorância, e para desviar a atenção, escolhi o último lugar na última carteira, ao fundo da sala de aula, e isolei-me, como um rato escondido à vista de todos.

Até ao dia em que a nossa nova professora de Francês chegou.

Do cabelo preso atrás, escapavam-se-lhe madeixas cor de avelã, e as faces redondas estavam coradas, como se tivesse vindo a correr pelo corredor, atrasada para a sua primeira aula — e estava-o, de facto. A campainha havia soado, e as alunas, já empenhadas em passar recados rasgados das folhas dos cadernos, sussurravam de uma fila de carteiras para a outra.

Entrou de rompante, a substituta há muito esperada da Madame Servine, vítima de uma queda que lhe antecipara a reforma. Com a testa reluzente de transpiração devido ao calor atípico de julho, a nossa nova professora largou os livros sobre a secretária, retumbantemente, fazendo as alunas endireitarem-se no seu lugar.

A Madame Servine não tolerava mandriagem. Muitas das alunas tinham já sentido o golpe seco da sua régua nos joelhos ou nos nós dos dedos por lhe parecer que estavam a ser insolentes; esta jovem surpreendente, com o seu ar descomposto e a sua coleção de tomos, poderia vir a revelar-se igualmente aterradora.

Do meu lugar habitual ao fundo da sala, espreitei por cima do ombro das alunas à minha frente, vendo-a a limpar a testa com um lenço.

— *Mon Dieu!* — exclamou ela. — *Il fait si chaud.* Não pensei que a Alemanha fosse tão quente. — Senti um remoinho de emoção no estômago. Ninguém proferiu uma palavra. Com um gesto despreocupado, a professora entalou o lenço molhado na blusa. — *Bonjour, mesdemoiselles.* Eu sou a Made-moiselle Bréguand, e serei a vossa nova professora durante o resto do período.

A apresentação era desnecessária. Sabíamos quem ela era; há semanas que a esperávamos. Enquanto a escola procurava uma substituta para a Madame Servine, passáramos aquela hora em sessões de estudo intermináveis, supervisionadas pela cáustica Frau Becker.

A pronúncia genuína da nova professora adensou o silêncio. O inconfundível trinado de Paris cantava na sua voz, e eu senti as alunas à minha volta a encolherem-se. Chamavam à Madame Servine «*l'Ancien Régime*», por causa da sua luneta e da forma como as dentaduras batiam uma na outra quando proferia *accents graves* com uma superioridade inexpressiva, no seu vestido preto de gola alta da viragem do século XIX. Esta mulher usava uma blusa com gola guarnecida de renda no pescoço e nos pulsos, a figura delgada realçada por uma saia moderna que lhe dava pelos tornozelos, revelando as botas elegantes. Alguns anos mais nova do que a Madame Servine, parecia ser mais vivaz.

Lentamente, endireitei-me da minha postura desleixada.

— *Allez* — disse ela. — *Ouvrez vos livres, s'il vous plaît.* — As alunas permaneceram imóveis. Quando peguei no manual, a professora suspiro-u e explicou em alemão: — O vosso manual, por favor. Abram-no. — Mordi os lábios para conter um sorriso. — Hoje vamos conjugar verbos, está bem? — anunciou ela, observando a turma.

Ninguém reagiu. Nenhuma das alunas se dera sequer ao trabalho de olhar para o manual desde que a Madame Servine dera o oportuno tombo. Não queriam saber. Pelas poucas conversas que eu ouvira, o sonho de vida por ali consistia em casar assim que possível para fugir dos pais. *Kinder, Küche, Kirsche* — filhos, cozinha, igreja —, eis a ambição unívoca inculcada na cabeça das jovens alemãs, tal como na das nossas mães e avós. Que utilidade poderia o francês oferecer, a não ser que se tivesse a infelicidade de se casar com um estrangeiro?

A Mademoiselle Bréguand observou o inquieto restolhar de páginas, sem oferecer reparos ou comentários ao desconforto frenético dos movimentos das alunas. A esquiva aos trabalhos de casa era uma ofensa amplamente cometida, mas igualmente temida. A Madame Servine, certa vez, mantivera uma aluna na sua secretária até anoitecer, para que trabalhasse até terminar a tarefa, ou até cair de exaustão.

Então, para minha grande surpresa, vi a Mademoiselle Bréguand a exhibir um sorriso travesso. Foi tão inesperado, naquele lugar de comediamento, onde os professores pairavam como corvos, que a sua calidez me espantou, desatando por completo o nó que sentia constantemente no estômago.

— Vamos começar com o verbo «ser». *Être: je suis, je serai, j'étais. Tu es, tu seras, tu étais. Il est, il sera, il était. Nous sommes, nous serons, nous étions...*

Enquanto falava, ia passando, de cabeça inclinada, pelos estreitos corredores entre as nossas carteiras, escutando o recital mutilado vindo das alunas. Era um espetáculo patético, prova de desleixo e do mais puro desrespeito pela língua francesa, mas ela não corrigiu uma única de nós, enunciando as conjugações, enquanto as alunas as repetiam.

Depois, junto de mim, parou e ergueu a mão. As alunas silenciaram-se. Fitando-me com o seu olhar verde-âmbar, disse:

— *Répétez, s'il vous plaît?*

Eu queria soar tão mal como as outras para evitar destacar-me, mas a língua desobedeceu-me, e dei por mim a repetir hesitantemente:

— *Vous êtes. Vous serez. Vous étiez.*

Uma risada abafada de uma aluna chegou-me aos ouvidos, como uma bofetada.

O sorriso caloroso voltou aos lábios da professora, mas, desta vez, para minha consternação e simultânea alegria, era dirigido a mim.

— E o resto?

Num sussurro, eu disse:

— *Vous soyez. Vous seriez. Vous fûtes. Vous fussiez.*

— Agora use o verbo numa frase.

Mordi o lábio inferior, pensando no que dizer. Então, respondi:

— *Je voudrais être connue comme personne qui vous plaise.*

Arrependi-me assim que o proferi. O que é que me tinha dado para dizer algo tão... tão ostensivo, tão direto? Nem parecia eu. Embora não me atrevesse a olhar, sentia as alunas a fitarem-me. Podiam até não ter compreendido as minhas palavras, mas a maneira como eu as dissera fora o suficiente. Tinha-me desmascarado.

— *Oui* — disse a Mademoiselle Bréguand, baixinho. — *Parfait!*

Continuou pelo corredor, entoando o refrão e fazendo sinal às alunas para o repetirem. Fiquei paralisada, até que um dedo se me espetou nas costelas. Virei-me, deparando-me com uma rapariga magra de cabelo preto e cara de duende a piscar-me o olho.

— *Parfait* — sussurrou ela. — Perfeito.

Não era a reação de que eu estava à espera. Julguei que, quando a campainha tocasse, as minhas colegas me iriam abordar ao transpor o portão, no regresso a casa, repreendendo-me severamente por as ter enganado e por ter tentado cair nas boas graças da nova professora. Porém, o que vi na cara daquela rapariga não era ressentimento nem raiva. Era... admiração.

A professora marcou o trabalho de casa e as alunas começaram a sair, em fila. Tentei passar sub-repticiamente pela secretária dela. Já quase a chegar à porta, ouvi-a a dizer:

— *Mademoiselle...* Um momento, por favor.

Detive-me, olhando cautelosamente para trás. As restantes alunas passaram por mim, e uma delas sorriu desdenhosamente.

— A Maria, *o Rato*, está prestes a receber a sua primeira estrela dourada.

Fiquei ali parada, perante o olhar pensativo da professora. A luz do final da tarde filtrada pela vidraça poeirenta da janela da sala de aula acobreada-lhe o cabelo, preso num puxo em desalinho. A sua pele era rosada, com as faces ligeiramente descaídas. Os meus joelhos começaram a ceder. Eu não sabia por que razão dissera o que dissera, mas tinha a inquietante impressão de que ela sabia.

— Maria? É esse o teu nome? — perguntou.

— Sim. Maria Magdalena — confirmei, forçando a voz a sair, apesar do nó que tinha na garganta. — Maria Magdalena Dietrich. Mas prefiro... Toda a gente na minha família me chama Marlene. Ou Lena, para abreviar.

— Um lindo nome. Falas francês muito bem, Marlene. Aprendeste aqui? — Antes de eu poder responder, ela riu-se. — Claro que não. As outras: *c'est terrible, combien peu ils savent*. Não devias estar nesta turma. Estás muito mais avançada.

— Por favor, Mademoiselle. — Apertei a mochila contra o peito. — Se a diretora descobre, vai...

— O quê? — Ela inclinou a cabeça para o lado. — O que é que ela vai fazer? Não é nenhum crime saber falar outra língua. Vais andar a perder tempo aqui. Não preferias usar esta hora em algo que pudesses efetivamente aprender?

— Não. — Eu estava à beira das lágrimas. — Eu... gosto de aprender francês.

— Compreendo. Bem, então, temos de ver o que podemos arranjar. O teu segredo está seguro comigo, mas não posso responder pelas outras alunas. Podem até ser negligentes, mas não são surdas.

— *Merci, Mademoiselle*. Vou estudar afincadamente. Vai ver. Só lhe quero agradar. — Era a minha declaração habitual, acompanhada por uma vénia desajeitada, como a minha mãe me ensinara nas visitas sociais depois da missa, quando íamos a casa de outras viúvas respeitáveis tomar chocolate quente e comer *strudel*.

Dirigi-me à pressa para a porta, desesperada por fugir ao olhar divertido da professora, e à minha própria impulsividade.

— Marlene, tu agradas-me. Agradas-me muito — ouvi-a dizer, ao sair.

II

Voltei para casa a saltitar e a balançar a mochila. Ziguezagueando pela linha do elétrico e contornando os vendedores ambulantes que apregoavam os preços das suas mercadorias, ignorei tudo em redor, ouvindo a voz dela na minha cabeça, como um eco no restolhar suave das frondosas tílias que ladeavam a avenida: «Tu agradas-me. Agradas-me muito.»

Subi a correr as escadas de mármore estalado até ao nosso apartamento, no número 13 da Tauentzienstrasse, a cantarolar baixinho. Atirando com a mochila para cima da mesa da entrada, fui até à imaculada sala de estar, onde a minha irmã Liesel se encontrava debruçada sobre os seus livros. Ergueu o olhar, com um ar tão cansado como se ali estivesse há semanas.

— *Der Gouverneur* está em casa? — perguntei, estendendo a mão para o prato ao lado dela, para tirar uma fatia de *strudel* que sobrara.

A ruga desaprovadora entre as sobrancelhas da Liesel aprofundou-se.

— Não chames isso à mãe! É uma falta de respeito. E sabes perfeitamente que, às quintas-feiras, ela trabalha até tarde na residência dos Von Losches. Chega às sete. Lena, pega num prato! Estás a deixar cair migalhas por todo o lado. A empregada acabou de sair.

Baixei-me sobre a carpete puída, apanhando as poucas migalhas.

— Pronto, já está.

Lambi o dedo.

— É melhor usares a vassoura.

Fui à cozinha buscar a vassoura, embora fosse uma perda de tempo. A minha mãe iria varrer a carpete depois de nos irmos deitar, bem como

esfregar e encerar o chão. Nunca se cansava de limpar, apesar de passar o dia inteiro a fazer precisamente isso para os outros. Despedira quatro empregadas em quatro meses, declarando que eram desleixadas. Acontecia com tanta frequência que eu e a Liesel já nem sequer nos dávamos ao trabalho de saber os nomes delas.

Ainda a cantarolar baixinho, dirigi-me ao pequeno piano e ao violino, na sala de estar. Ambos precisavam urgentemente de ser afinados.

O violino fora o meu presente de aniversário quando fiz 8 anos, oferecido pela minha avó, depois de o meu professor de música particular ter garantido à minha mãe que eu tinha talento. O professor seguiu o mesmo caminho que as precetoras, mas eu continuei a praticar. Adorava música; era um dos poucos interesses que partilhava com a minha mãe, uma talentosa pianista com anos de aulas, na sua infância. Tocávamos frequentemente juntas depois do jantar. Estava um *étude* de Bach sobre o piano, que ela deixara para eu praticar.

— É raro ver-te de tão bom humor — comentou a Liesel, quando coloquei o violino sobre o ombro. — Aconteceu alguma coisa de especial na escola hoje?

— Não.

Ajustei as cravelhas, esperando não partir as cordas gastas. A minha mãe iria oferecer-me cordas novas no meu aniversário, mas ainda faltava muito até dezembro. Teria de me remediar com aquelas até lá.

— Não? — repetiu a Liesel, quando passei o arco sobre o cavalete do violino, soltando uma nota dissonante. — Nunca voltas para casa com um sorriso. E nunca comesas a praticar assim que chegas. Alguma coisa deve ter acontecido...

Comecei a tocar a sonata, encolhendo-me quando as cordas gastas resistiram aos meus esforços.

— Tenho uma nova professora de Francês. Chama-se Mademoiselle Bréguand.

A Liesel ficou calada, observando-me a tocar. Só olhei para a pauta uma ou duas vezes; as minhas cordas podiam ser de má qualidade, mas eu já memorizara a peça. A minha mãe iria ficar orgulhosa.

— Estás contente por causa de uma professora nova? — insistiu a Liesel. — Não acredito. Sei o quanto detestas aquela escola. Estás sempre a dizer que as professoras são matronas e que as alunas só falam de trivialidades. Diz-me lá... Conheceste algum rapaz?

O arco fugiu-me, desconcentrando-me. Olhei para ela, incrédula, antes de bufar:

— E onde é que eu iria conhecer um rapaz?! As minhas colegas são todas raparigas.

— Vens a pé para casa todos os dias. Vês rapazes na rua, não vês? Ela parecia estar a falar a sério. E um pouco irritada, também.

— Os únicos rapazes que vejo são os que dão pontapés aos cães vadios e correm de um lado para o outro como se fossem vândalos. Não os quero conhecer: evito-os.

Apeteceu-me acrescentar que, se ela estava tão interessada em rapazes, deveria sair mais, mas contive-me, pois a Liesel não tinha culpa de ter pulmões fracos e bronquite, ou fosse qual fosse a doença de que sofria agora. A minha mãe andava constantemente de volta dela, o que, na minha opinião, não lhe fazia bem nenhum. Porém, mantinha-se a crença de que a minha irmã era delicada, e ela aceitava de bom grado o epíteto e a circunstância.

— Só pergunto porque estou preocupada — retorquiu ela. — A minha intenção não é meter-me na tua vida, mas vais fazer 13 anos, já és quase uma mulher, e os rapazes... Bem, eles tendem a... — A voz sumiu-se-lhe, deixando um silêncio desconfortável.

Afinando o violino, considerei o que ela acabara de dizer, e, mais importante, o que não dissera.

A experiência da Liesel com o sexo oposto era o espelho da minha. Desde que o nosso pai morrera, o único homem que víamos regularmente era o nosso tio Willi, de Berlim. Contudo, nunca fiz referência ao facto, pois eu e a Liesel não éramos chegadas, pelo menos não como as irmãs deveriam ser. Tão-pouco nos dávamos mal — partilhávamos o quarto e raramente discutíamos —, mas os nossos temperamentos eram tão díspares que até a minha mãe comentava o facto.

Fisicamente, as diferenças eram óbvias: a Liesel era magra e pálida, como uma lâmpada fraca sob um abajur, com a tez macilenta do nosso pai, enquanto eu herdara a constituição roliça da nossa mãe, os seus olhos azuis, o nariz arrebitado e a pele quase translúcida, que ficava da cor da beterraba se eu andasse muito tempo ao sol. Porém, as nossas diferenças eram mais profundas. À medida que fui crescendo, percebi que a minha reserva em público se devia ao facto de a minha mãe me ter metido na cabeça que era assim que as raparigas se deveriam comportar. Ela nunca

precisara de lembrar esse facto à Liesel, para quem esse comportamento era natural. Chamar a atenção sobre si própria aterrorizava a minha irmã; era por isso que nunca saía de casa senão para as visitas sociais de domingo, as idas ao mercado e as viagens mensais a Berlim.

— Estás a dizer que os rapazes se poderiam meter comigo? — perguntei-lhe, abrindo os olhos.

Ela ficou rígida na cadeira, revelando que era precisamente isso que estava a sugerir.

— E metem? — perguntou-me baixinho.

— Não. Pelo menos nunca reparei nisso. — Fiz uma pausa. — Porquê? Achas que deveria reparar?

— Nunca! — respondeu, mostrando-se chocada. — Se algum dia se meterem contigo ou disserem alguma coisa imprópria, tens de os ignorar e de contar imediatamente à mãe.

— Assim farei. — Acariciei as cordas com o arco. — Prometo.

Não estava a mentir. Rapaz algum reparara em mim. No entanto, hoje alguém reparara, e eu sabia que a maneira como ela me fizera sentir não era algo que eu devesse confessar.

«O teu segredo está seguro comigo.»

Eu nunca tivera um segredo, e era minha firme intenção mantê-lo.

A minha mãe chegou precisamente às 19h05. Já tínhamos tirado os materiais de estudo da Liesel de cima da mesa e disposto os pratos de cerâmica lascados, uma vez que a louça de porcelana de Meissen estava reservada para as ocasiões especiais. Eu estava a aquecer uma panela de *weiße Bohnensuppe*, uma sopa de feijão-branco que fizera no dia anterior. A minha mãe recusava-se a deixar a empregada cozinhar, e encarregara-me do jantar diário. Eu gostava de cozinhar e era melhor do que a Liesel, que acabava sempre por deixar o molho queimar ou o assado meio cru. Tal como ao tocar música, eu encontrava um certo sentido de ordem no facto de seguir uma receita, misturar ingredientes específicos e criar um resultado desejado. Fora a minha mãe a ensinar-me, mas, como em tudo o resto, ela só confiava nas suas próprias capacidades, pelo que seguiu diretamente para a cozinha, ainda de chapéu e de luvas, e espreitou para a panela.

— Mais sal — disse ela. — E baixa o lume; senão, vai ficar uma papa.

Deu meia-volta e foi para o quarto. Regressou, minutos mais tarde, envergando a roupa de trazer por casa e um avental, o cabelo louro-escuro a dançar-lhe na nuca. Eu nunca vira a minha mãe de cabelo solto, nem mesmo quando saía da casa de banho. Ao que parece, as tranças desfeitas não eram algo que as viúvas devessem mostrar.

— Como correu a escola hoje? — perguntou-me, enquanto me mandava trazer a panela da sopa para a mesa.

— Bem — respondi.

Ela assentiu com a cabeça. Questionei-me se ela daria conta se eu lhe dissesse que a escola havia ardido de alto a baixo. Julgo que não. A pergunta era feita diariamente apenas porque as boas maneiras assim o exigiam. A minha resposta era, igualmente, supérflua.

Comemos em silêncio; a conversa fútil à mesa era desencorajada. Quando limpei o prato com o pão (eu estava cheia de fome), ela emitiu um som gutural de desaprovação.

— Lena, o que é que eu te disse?! — Eu era capaz de recitar a litania dela de cor. — As raparigas bem-educadas não arrebanham a comida como os labregos. Se queres servir-te outra vez, pede.

Eu nunca pedia. Se o fizesse, ouviria que as raparigas bem-educadas não precisavam de se servir uma segunda vez: um apetite descontrolado revelava falta de requinte.

Lavámos os pratos e arrumámo-los no armário. Antes de o meu pai morrer, era nesta altura que eu e a Liesel nos recolhíamos, para que os nossos pais pudessem retirar-se para a sala de estar, onde a minha mãe tocava piano enquanto ele fumava o seu cachimbo e bebericava um *Weinbrand*. Contudo, ele falecera, e, como ambas já tínhamos idade suficiente, agora a minha irmã podia reclinar-se no sofá, enquanto a minha mãe supervisionava a minha prestação da sonata de Bach.

Como sempre, eu estava nervosa. A minha mãe podia não saber tocar violino, mas tinha um ouvido apurado, e eu queria provar que andava a praticar todas as tardes, como ela me mandara.

A minha mãe não era disciplinadora no sentido físico; só por uma vez me dera uma bofetada, tinha eu 10 anos. Estava numa aula de dança e recusara-me a fazer par com um rapaz que tresandava a cebola. Jamais me esqueci de como ela atravessara a sala, em frente de todas as outras crianças e dos seus pais, e me dera um estalo humilhante, dizendo, num tom grave: «Nunca devemos revelar os nossos

sentimentos em público. É má educação.» Desde então, eu fizera tudo para não voltar a provocá-la.

Embora ela possa ter dispensado o proverbial açoite, a sua língua conseguia ser igualmente dilacerante, e demonstrava ter ainda menos paciência para a indolência do que para a sujidade e a má educação. O seu lema era: «*Tu etwas*» — faz alguma coisa. Aprendemos que a ociosidade era o pior dos pecados e que deveria ser evitada a todo o custo.

Toquei a sonata sem erros. A minha mãe recostou-se no banco em frente ao piano.

— Foi excelente, Lena. — Revelou um carinho que nunca surgia a menos que eu ultrapassasse as suas expetativas. Fiquei aliviada. Os seus elogios eram tão raros que me senti como se tivesse realizado uma proeza. — Tens andado a praticar — prosseguiu ela. — Vê-se. Tens de continuar. Dentro de pouco tempo, temos de tratar de uma audição para uma bolsa para o conservatório de música de Weimar.

— Sim, mãe — respondi.

O prestigiado conservatório de Weimar era uma ambição sua, não minha; acreditava que o meu talento me abriria caminho para uma carreira como solista em concertos, e não tinha pedido a minha opinião. As raparigas de boas famílias faziam o que as mães lhes mandavam.

— E tu, minha querida? — Olhou para a Liesel, que aplaudira no fim da minha atuação. — Queres tocar alguma coisa no piano para nós?

Aparentemente, pensei eu, com ressentimento, a opinião da minha irmã importava mesmo, porque, quando ela se recusou, dizendo que lhe doía a cabeça, a minha mãe suspirou e fechou a tampa sobre o teclado.

— Então, é melhor ires para a cama. Está a ficar tarde, e temos de nos levantar cedo amanhã.

Mais cedo do que de costume?, gemi interiormente. Isso significava que teríamos tarefas a fazer antes de eu ir para a escola e a minha mãe ir para o trabalho. Enquanto guardava o violino na caixa, questionava-me para que serviria termos uma empregada. Entre as nossas tarefas diárias e o ritual noturno da minha mãe — via-se que estava ansiosa por que fôssemos para a cama para poder atacar o parqué da sala de estar —, ter uma empregada era, com certeza, uma despesa desnecessária.

— Antes de nos irmos deitar, tenho uma notícia importante — anunciou ela.

Parei, surpresa. Uma notícia?

Esperámos, vendo-a a olhar para as mãos gretadas, que nenhuma quantidade de loção conseguia aliviar, prova evidente de que a Wilhelmina Josephine Felsing, conhecida na comunidade como a Viúva Dietrich, havia descido na vida. Continuava a usar a aliança de ouro, apertada à volta do nó do dedo inchado. Remexeu nela, e algo no gesto me deixou nervosa.

— Vou casar-me outra vez.

A Liesel ficou paralisada, incrédula.

— Casar?! Com quem? — perguntei.

Ela franziu o sobrolho. Enquanto me preparava para a resposta de que as crianças não questionavam os mais velhos, ela respondeu:

— Com o Herr Von Losch. Como sabem, ele é viúvo e não tem filhos; depois de muito ponderar, decidi aceitar a proposta dele.

— O Herr Von Losch?! — Eu estava chocada. — O homem cuja casa limpas?

— Eu não lhe limpo a casa. — Embora ela não tivesse levantado a voz, o tom tornou-se incisivo. — Supervisiono a sua manutenção. Sou a sua *Haushälterin*. As empregadas fazem a limpeza e eu supervisiono. Já acabaste as perguntas, Lena?

Eu não tinha acabado. Outras cem clamavam na minha cabeça, mas limitei-me a responder:

— Já, mãe. — Dei um passo na direção da minha irmã, pensando que acabara de ganhar a minha segunda bofetada.

— O casamento será no próximo ano. — A minha mãe pôs-se de pé, alisando o avental com as mãos. — Pedi-lhe tempo para me preparar, e ele concordou. Quero informar a vossa avó e o tio Willi em primeiro lugar, claro, já que eles têm de dar a sua aprovação e conduzir-me ao altar. É por isso que temos de nos levantar mais cedo amanhã. Convidei-os para nos virem visitar, e, antes de chegarem, temos muito a fazer para pôr esta casa em ordem.

A menos que ela tivesse intenção de mudar a mobília, eu não estava a ver o que mais havia a fazer. Esfregávamos o apartamento todos os sábados depois do mercado, limpando cada canto que a empregada tivesse negligenciado. De qualquer forma, por mais que limpássemos, qualquer pessoa veria que, ao contrário da minha avó e do tio Willi, vivíamos num humilde apartamento arrendado, ainda que não fosse mau. Porém, não

me atrevi a dizer nem mais uma palavra, com o choque da inesperada notícia.

A minha mãe ia casar outra vez. Eu e a Liesel íamos ter um padrasto — um homem que não conhecíamos, que se esperava que respeitássemos e a quem deveríamos obedecer.

— Ainda não decidimos onde vamos viver, mas presumo que, depois do casamento, nos mudemos para a casa dele, em Dessau. Na semana que vem, vou lá ver se é adequada. Entretanto, não devem dizer nada a ninguém. Não quero que os vizinhos andem com mexericos antes de tempo, ou que informem o senhorio de que tencionamos sair. Entendido?

— Sim, mãe — respondemos em unísono.

— Ótimo. — Ela tentou sorrir, mas era um gesto tão pouco frequente que mais pareceu um esgar. — Vá, agora lavem a cara e digam as vossas orações. — Ao sair da sala, ainda lembrou: — Lena, vê se lavas por trás das orelhas.

A Liesel manteve-se em silêncio, enquanto usávamos a exígua casa de banho, nos despíamos e nos enfiávamos nas nossas camas estreitas. Estávamos separadas por uma mesa de cabeceira. Eu podia ter estendido a mão e tocado nela, mas não o fiz, deitada de costas, a olhar para o teto. Quando ouvi a minha mãe na sala de estar, imaginando-a de joelhos, com os trapos e a cera, sussurrei:

— Porque é que ela se vai casar com a idade que tem?

A minha irmã suspirou.

— Só tem 38 anos. Não é assim tão velha. O Herr Von Losch é coronel dos Granadeiros Imperiais, como o pai era. Deve ser um homem honesto.

— Bom, com 38 anos parece-me ser bastante velha — retorqui. — E como sabemos que ele é honesto? Ela supervisiona as empregadas dele. O que é que pode saber sobre ele, além da quantidade de goma que lhe deve pôr nas camisas? — A minha voz endureceu. — E Dessau é tão longe que terei de deixar a minha escola.

— Lena — a Liesel virou-se para mim, os olhos como dois rasgos na escuridão —, não deves julgá-la. Ela só faz o que é melhor para nós. — Não sei porquê, mas tinha dúvidas disso. Casar com um estranho e virar a nossa vida do avesso não me parecia o melhor para nós, mas sim para ela e para o Herr Von Losch. — Uma mulher sozinha é algo terrível

— continuou a Liesel. — Tu não entendes, mas ser viúva com duas filhas para criar é um autêntico teste de perseverança. — Virou-se para o outro lado, puxando os lençóis até ao queixo.

Minutos depois, ressonava. A Liesel não protestava; obedecia e respeitava sempre o que quer que a minha mãe dissesse ou fizesse. Uma sala de estar aqui ou ali, tanto lhe fazia. Já eu tinha outros interesses. Tinha o meu segredo.

Com os lençóis apertados entre os punhos, demorei imenso tempo a adormecer.

III

Passei um fim de semana penoso. A minha mãe apercebeu-se disso, especialmente quando a Liesel me sussurrou: «Vê se paras com a rabugice!» Porém, absteve-se de fazer qualquer reprimenda, mandando-nos limpar todo o apartamento, chão e janelas incluídos, até receber a notícia de que o tio Willi não podia vir. Então, para meu gáudio, anunciou que iríamos nós visitá-lo a Berlim.

Eu adorava a Unter den Linden, aquela larga avenida com os seus empórios comerciais de luxo, onde visitámos a Companhia de Relógios Felsing, gerida pelo tio Willi. Encantado por nos ver, levou-nos a uma *confiserie* para comprarmos bolos de baunilha e maçapão, e, de seguida, ao Café Bauer, na Friedrichstrasse, para bebermos um chocolate quente a acompanhar os bolos. Eu era uma gulosa insaciável, e a minha mãe, apesar de toda a sua rigidez à mesa, satisfazia o meu vício, pois uma rapariga com carne nos ossos provava que vinha de uma boa família. Comi o que consegui, mas embrulhei sub-repticiamente vários bolinhos de maçapão no lenço, enfiando-os no bolso, enquanto o tio Willi pagava a conta, ignorando o olhar desagradado da minha irmã.

A minha mãe não voltou a falar do seu futuro casamento, pelo menos connosco, embora eu presumisse que, a determinada altura, ela tivesse informado o tio Willi. Não era seu hábito debater as suas decisões connosco, e, obviamente, nós não estávamos em posição de discordar delas. Contudo, a rebelião fervia dentro de mim. Na semana seguinte, sentia-me tão impotente perante aquela mudança crucial na minha vida que deixei de fingir nas aulas e disputei abertamente a atenção da Mademoiselle Bréguand. Era a primeira a apresentar os meus trabalhos,

sempre irrepreensíveis, e a levantar a mão para responder a qualquer pergunta que a professora fizesse, ignorando os olhares reprovadores das minhas colegas quando ela elogiava o meu esmero.

— Que a Maria seja um exemplo — disse à turma, brindando-me com o seu cobiçado sorriso. — Ela tem demonstrado que, com a atitude e a diligência certas, qualquer uma pode aprender francês.

Como se suspeitava, eu havia começado com uma grande vantagem sobre as outras alunas. Não me esforcei por lhes agradar — isso pouco me interessava. Só queria agradar à professora. Os bolinhos de maçapão que eu trouxera de Berlim tornaram-se pequenas oferendas, embrulhadas em pedaços de renda e enfeitadas com uma singela papoila, que lhe depositava sobre a secretária todos os dias antes de sair. Baixava os olhos quando ela exclamava: «Que simpática!»; e eu murmurava: «*De rien, Mademoiselle.*» Não importava que os bolos estivessem deformados e empapados de andarem no meu bolso; era o gesto de apreço que contava.

Na semana seguinte, a minha mãe foi a Dessau para determinar se a casa Von Losch se adequaria a ser a nossa residência, o que significava que regressaria mais tarde do que o habitual. A Mademoiselle Bréguand convidou-me para um passeio depois das aulas. Embora eu tivesse prometido ir diretamente para casa para ajudar a Liesel nas tarefas e a fazer o jantar — como esperado, a nossa empregada fora despedida —, aguardei pela professora ao portão da escola. Pouco depois, ela surgiu, com a pasta cheia de livros e um chapéu de palha na cabeça.

— Vamos? — disse-me, e dei por mim a caminhar ao seu lado em direção à avenida.

Passámos por senhoras cheias de rendas, com sombrinhas e cães pela trela, homens de chapéus de coco e correntes de bolso de ouro a caírem-lhes dos coletes, e precetoras cansadas com crianças rabugentas a reboque. Qualquer uma dessas pessoas poderia conhecer a minha mãe. Apesar da proximidade com Berlim, Schöneberg continuava a ser uma cidade militar, onde o Kaiser aquartelava as suas tropas, e toda a gente se conhecia. Mantive os olhos no chão, sob o chapéu, na esperança de que o uniforme me escondesse a identidade. Para meu alívio, ninguém reparava particularmente em nós, os homens limitando-se a tirar o chapéu, e as senhoras, a murmurar os seus «*guten Tags*».

— Vamos tomar café.

A Mademoiselle parou num café de esquina, dirigindo-se a uma das mesas exteriores de tampo de mármore. Quando me sentei à sua frente, apercebi-me de que, à luz do dia, ela era ainda mais bonita do que na sala de aula, com os seus olhos cor de avelã pintalgados de verde, os lábios rosados a condizer com a fita do chapéu. Junto à face, caíam algumas madeixas de cabelo que se haviam soltado do puxo. Tive de apertar as mãos no colo para me impedir de lhas afastar da cara.

Ela fez o pedido, e o empregado franziu a testa.

— Café para a menina?

— Que tolíce a minha! — exclamou ela, rindo. — Marlene, preferes um chocolate quente? Ou uma limonada?

— Não, obrigada. — Endireitei as costas. — Um café está ótimo.

Nunca tinha bebido café. A minha mãe bebia chá. As senhoras respeitáveis só bebiam chá. Segundo a minha mãe, o café era uma predileção estrangeira que provocava mau hálito, independentemente da sua popularidade.

Enquanto esperávamos para sermos servidas, a Mademoiselle tirou o chapéu, soltando um suspiro. Passou os dedos pelo cabelo, fazendo com que mais madeixas lhe caíssem junto ao rosto. Depois, sem aviso, disse:

— Então, tens de me contar o que te está a incomodar.

Fiquei surpreendida.

— O que me está a incomodar? Nada, Mademoiselle. — Além de estar com ela num café na avenida e ter receio de que alguém que a minha mãe conhecesse nos pudesse ver.

— Oh, não. — Agitou o dedo. — Tenho experiência suficiente para saber quando uma aluna está a tentar esconder alguma coisa.

— Experiência?

— Sim — confirmou, assentindo com a cabeça. O empregado colocou duas chávenas de líquido escuro à nossa frente, deitando natas de um jarro na dela. Ela estendeu-me o jarro. — Fica menos amargo assim. Junta-lhe açúcar também. — Enquanto eu o fazia, continuou: — Antes de aceitar este emprego, trabalhei como precatora numa grande casa. Tinha três crianças a meu cargo. Sei quando uma criança tem receio de dizer o que pensa.

Paralisei por instantes, julgando que ela me conseguia ver à transparência, traída pelas minhas oferendas de maçapão e pela ânsia de atenção.

Porém, depois percebi que não se mostrava irritada nem incomodada, com o seu olhar cândido pousado em mim.

— Prometo-te que o que quer que me digas ficará entre nós — assegurou-me.

— Como... um segredo? — perguntei.

Bebi um pequeno gole de café; sabia a veludo doce derretido.

— Se quiseres. *Un secret entre nous.*

O meu francês podia ser bom, mas não o suficiente para descrever a onda de emoção que me avassalou. Não queria abusar da maravilhosa informalidade que se estabelecia entre nós, por mais empolgante que isso fosse. Nunca ninguém me perguntara o que eu sentia, muito menos se interessara pelos meus pensamentos mais profundos. Como se a minha mãe estivesse ao meu lado, uma sombra a sibilar ao meu ouvido, ouvi: «Nunca devemos revelar os nossos sentimentos em público.» Desviei o olhar.

— A sério que não é nada — murmurei.

A mão da Mademoiselle deslizou para cima da minha. Os seus dedos eram tão calorosos que a sensação se alastrou dentro mim até aos meus pés.

— Por favor, quero ajudar-te, se puder.

Seria eu assim tão transparente? Ou será que, até àquele momento, ninguém me vira como alguém com sentimentos dignos de nota?

— É... a minha mãe. Vai casar-se outra vez.

— É só isso? Tive a impressão de que era outra coisa.

— Tal como?

Eu estava aterrorizada por vir a saber o que mais adivinhara ela, preparada para a ouvir dizer que o meu afeto, embora lisonjeiro, não era próprio entre uma aluna e a sua professora. Porém, ao invés, ela respondeu:

— Julguei que talvez pudesse haver um rapaz de quem gostasses, ou que fosse algum problema feminino. — Percebi o eufemismo e abanei a cabeça. Tinha tido a minha primeira menstruação há três meses. — Então é só o facto de a tua mãe se ir casar? Mas porquê? Não gostas do pretendente dela?

— Nem o conheço. O meu pai morreu quando eu tinha 6 anos. Até agora, temos sido só a minha mãe, a minha irmã e eu...

Quando dei conta, estava a contar-lhe tudo sobre o Herr Von Losch e a ameaçadora mudança para Dessau, o meu talento com o violino e a

ambição da minha mãe de me ver entrar no conservatório. Só contive o desabafo quando estava prestes a confessar que também a Mademoiselle me preocupava, já que não tinha palavras para expressar o que me fazia sentir, mas estava ciente de não querer ir para lado nenhum que me pudesse afastar dela.

Ela bebeu um gole do café.

— Compreendo que a mudança possa ser assustadora — comentou a determinada altura. — *Mon Dieu*, como compreendo! Mas não me parece que tenhas motivos para te preocupares. A tua mãe parece uma senhora decente que encontrou um marido para tomar conta dela. Queres que ela seja feliz, não queres? E Dessau não fica muito longe. Tenho a certeza de que haverá escolas lá, com outras raparigas. — Fez uma pausa. — Aqui, não fizeste amigas. A rapariga de cabelo escuro que fica sentada ao teu lado na aula, a Hilde, está sempre a tentar que lhe prestes atenção, mas tu comportas-te como se ela fosse invisível.

A sério? Não tinha notado. Contudo, na verdade, não reparava em nada na escola atualmente, senão na Mademoiselle.

— Uma rapariga como tu — prosseguiu ela —, tão bonita e inteligente... Ora, podias ter centenas de amigas se quisesse. Mas nem sequer tentas, pois não? — A conversa havia tomado um rumo estranho. Eu não queria falar sobre a minha falta de amigas; queria... Ela apontou para a minha chávena. — Bebe o café antes que fique frio.

Enquanto bebia o café, agora morno, a Mademoiselle observava-me com aquele seu misto desconcertante de sinceridade e de percepção que me fazia julgar que conseguia ler os meus pensamentos mais profundos.

— Já foste a um *cinématographe*? — perguntou abruptamente.

— Um quê? — Aquela pergunta fora desconcertante. Eu não fazia ideia ao que se referia.

— Imagens em movimento. Um filme. — Eu conhecia a palavra, mas nunca tinha visto nenhum. A minha mãe não aprovava. — Não foste — depreendeu ela. — Maravilhoso! Há um aqui perto. Não é grandioso como os de Berlim, mas também não é tão caro. É um teatro onde passam filmes à tarde durante a semana. Queres ir? Eu adoro cinema! Acho que é o novo entretenimento desta nossa era moderna, e que fará, inclusivamente, o teatro parecer ultrapassado. Estão a passar *Der Untergang der Titanic*. Sabes do que se trata?

Eu assenti com a cabeça.

— O *Titanic* afundou-se depois de embater contra um icebergue — respondi. Lembrava-me porque, quando o acidente se dera, dois anos antes, todos os jornais anunciaram a manchete, dias a fio.

— Exato. Muitas pessoas perderam a vida. Dizem que o filme é espantoso. Quem o produziu foi a Continental-Kunstfilm, de Berlim. Estão a construir estúdios de raiz dedicados ao cinema. — Fez um gesto ao empregado para pedir a conta. — Se nos despacharmos, ainda conseguimos ir à primeira *matinée*.

Eu sabia que devia recusar, agradecer-lhe o café e os conselhos e ir para casa, para não chegar demasiado tarde. A Liesel iria ficar preocupada, e contaria à minha mãe que eu chegara tarde a casa e...

A Mademoiselle depositou as moedas na bandeja com a conta e levantou-se, estendendo-me a mão.

— Vamos, Marlene. Para não perdermos o *Stadtbahn*!

Como poderia eu resistir? Agarrei-lhe a mão e permiti que a Mademoiselle Bréguand me desencaminhasse.

Chorei.

Não consegui conter-me, tomada de tristeza e de fascínio, à medida que as imagens granuladas ganhavam vida no lençol deformado pendurado na parede a fazer de ecrã. Mostravam um titã perdido no mar, os homens desesperados à espera no convés, enquanto a orquestra tocava e as mulheres se amontoavam tragicamente em botes salva-vidas, testemunhas da catástrofe. A determinada altura, até agarrei o joelho da Mademoiselle, tão arrebatada que me esqueci de que estávamos em público, ainda que numa sala escurecida que tresandava a cerveja e a fumo de tabaco entranhado, com outras pessoas sentadas à nossa volta, cujos arquejos e comentários sussurrados reforçavam as cenas mudas.

No final, estava em êxtase.

— Não foi sublime? — perguntou a Mademoiselle, com o rosto iluminado. — Quero estar ali um dia.

— No *Titanic*? — consegui proferir, tentando libertar-me da sensação de estar perdida no alto-mar, vendo os meus entes queridos a desaparecerem na água fria e negra.

— Não, tolinha. Lá em cima, no ecrã. Quero ser atriz; foi por isso que saí de Paris e vim para aqui. Vou trabalhar como professora até

ganhar dinheiro suficiente para alugar um quarto em Berlim. Hoje em dia, é muito dispendioso viver em Berlim, a cidade mais dinâmica do mundo, e eu preciso de dinheiro extra para pagar a renda e as aulas de representação. — Pegou-me novamente na mão, enquanto esperávamos pelo *Stadtbahn*. — Agora, ambas temos segredos para guardar. Acabei de te contar o meu.

Quis perguntar-lhe se havia alguém que ela amasse ou de quem tivesse saudades, alguém que tivesse deixado em França para perseguir o seu sonho, mas não consegui articular as palavras emaranhadas na minha boca.

Chegámos rapidamente à avenida, onde a nova iluminação elétrica derramava um brilho sulfúrico sobre a multidão que circulava pelas cervejarias e esplanadas. Dirigimo-nos para a escola, agora fechada. A Mademoiselle deteve-se junto ao portão.

— Eu moro ali — disse, indicando uma rua lateral que serpenteava entre edifícios decrepitos —, mas posso acompanhar-te a casa e explicar por que razão chegaste tarde. — Um sorriso travesso enrugou-lhe a boca. — Vamos ter de dizer que tu não acabaste o trabalho atempadamente, e a tua mãe pode não ficar muito contente com isso.

Descontentamento era o mínimo que eu poderia esperar, pensei eu.

— Não é preciso. Hoje, ela trabalha até tarde. Provavelmente, ainda não está em casa.

Embora parecesse que tinha passado uma eternidade, o filme durara apenas 40 minutos. Eu iria ser repreendida pela Liesel, sem dúvida, mas a minha mãe não estaria de volta antes das 21 horas, pelo menos.

— Ah, pois, já me tinha esquecido. Está em Dessau. Nesse caso, se achas que ficas bem...

— Fico. — Preparava-me para lhe fazer uma vénia, mas a Mademoiselle abraçou-me. Cheirava a transpiração, com um leve traço de alfazema e de café, e ao odor acre do teatro que lhe impregnara a roupa. Derreti-me contra ela. — *Merci, Mademoiselle*.

— *Mais non, ma fille*. — Pôs as mãos em concha à volta do meu queixo, dando-me um beijo em cada face. — Tens de me chamar Marguerite quando estivermos a sós. As mulheres que partilham segredos também têm de ser amigas, *oui*? — Afastou-se, rodopiando, as sombras usurpadoras dos edifícios a obscurecerem a sua passagem. Então, virou-se e acenou-me. — *À bientôt, mon amie Marlene!*

Eu não queria que ela se fosse embora. Talvez não voltasse a tomar banho, para não eliminar o seu odor das minhas mãos. A caminho de casa, levava constantemente as palmas das mãos ao nariz para a inalar, ignorando o ar frio e cortante. O nosso julho quente abandonara-nos.

Não voltaria a ver Marguerite Bréguand.

IV

— Foi-se embora — disse a Hilde. Estávamos sentadas lá fora, no recreio, depois de a Frau Becker nos ter informado de que não haveria aula de Francês, nem naquele dia nem no futuro mais próximo. — Não sei porquê.

Dececionada com a inexplicável partida da Mademoiselle, eu abordara a Hilde, a rapariga magra de cabelo escuro que me dissera que «*parfait*» significava «perfeito», e que queria chamar a minha atenção. Ela agarrou com ambas as mãos a oportunidade de ser minha confidente, mas, para minha grande frustração, parecia não saber nada que pudesse derramar alguma luz sobre aquela desconcertante mudança de rumo.

Ali sentadas, enquanto as outras raparigas saltavam à corda, exultantes por terem a tarde livre, apalpei com os dedos o último bolinho de maçapão que tinha no bolso. Tirei-o e dei-o à Hilde.

— Toma.

— Oh! — Ela aceitou-o como se eu lhe tivesse oferecido uma pérola.
— Obrigada, Maria!

— Marlene — corrigi eu, olhando em redor à procura da Mademoiselle. — O meu nome é Marlene.

— É? Pensava que fosse Maria... Marlene é um nome invulgar, mas também é bonito — comentou ela. Encolheu os ombros e comeu o bolo.

— Não ouviste mesmo nada? — insisti. — Como é que ela pode simplesmente ter-se ido embora? Era a substituta da Madame; foram precisas semanas para a contratar, e só cá esteve algumas semanas.

A Hilde fez uma pausa, pensativa.

— Talvez tenha algo que ver com a guerra.

— Guerra? — Fitei-a. — Não há guerra nenhuma.

— Ainda não. — Ela assumiu a expressão ávida de quem tem notícias importantes, algo que a sua nova amiga não sabia. — Mas correm rumores de que o Kaiser vai declarar guerra à... — Franziu o sobrolho. — Bem, não tenho a certeza a quem, mas o meu pai está na infantaria e escreveu à minha mãe, na semana passada, a dizer que o seu regimento tinha sido mobilizado e que a guerra estava iminente.

— Bem, ainda não ouvi dizer nada sobre isso — declarei, com mais certeza do que a que tinha. E com razão: a guerra poderia rebentar na nossa rua, mesmo em frente ao nosso apartamento, e, a menos que o inimigo viesse bater-nos à porta, a minha mãe era capaz de continuar indiferente.

Eu temia que alguém me tivesse visto com a Mademoiselle, e que tivessem feito queixa dela à nossa *Schulleiterin*, a diretora da escola. Ficar com uma aluna fora do horário das aulas era aceitável, mas levar a aluna a tomar café e ao cinema... tal seria motivo para despedimento. Teria sido eu a causa involuntária do seu misterioso desaparecimento? Se fora, não podia ficar ali sentada. «*Tu etwas*», disse para mim mesma, e levantei-me de um salto, pegando na mochila.

A Hilde ficou a olhar para mim, com migalhas de maçapão no queixo.

— Onde vais?

— Vou-me embora.

Comecei a atravessar o recreio, mas a Hilde puxou-me pela correia da mochila.

— Marlene, não podes. Ainda não deu o toque de fim da aula. O portão está fechado.

— *Dumme Kühe!* — praguejei. — Vacas estúpidas! Isto é uma escola ou uma prisão?!

— Ambas as coisas — replicou a Hilde. Dei por mim a sorrir. Apesar do seu aspeto vulgar, ela tinha uma certa sagacidade. — Mas o portão de trás nunca está fechado. O comandante dos bombeiros ordenou que o mantivessem sempre aberto para o caso de haver uma emergência. E uma vez que está toda a gente aqui fora... — Sorriu.

Esgueirei-me com ela pelo edifício quase vazio, dirigindo-nos para o portão das traseiras, que dava para um caminho lamacento ladeado de campos abandonados, que, não há muito tempo, tinham sido a atração principal de Schöneberg. Agora, blocos de apartamentos erguiam-se

onde, antes, cresciam batatas e alfaces — edifícios de fraca qualidade para alojar a população de uma Berlim a rebentar pelas costuras.

Lembrei-me do que a Mademoiselle me contara sobre as suas aspirações. A nossa experiência da tarde anterior tê-la-ia levado a desconsiderar a precaução, precipitando a decisão de partir para a cidade que ela considerava «a mais dinâmica» do mundo?

O caminho conduzia à rua lateral onde ela morava. Porém, quando chegámos à calçada irregular, onde os cães vadios se refastelavam e as crianças franzinas se acoravam a jogar ao berlinde, o meu coração apertou-se. Não a vira entrar; não fazia ideia de qual daquelas decadentes pensões poderia ser a dela.

— Então? — instou a Hilde.

A sua ousadia era admirável; ela não hesitara nem um instante, conduzindo-nos para a nossa fuga sem contrição, embora se arriscasse a ser tão castigada quanto eu.

Soltei um suspiro exasperado.

— A Mademoiselle veio por aqui, mas... — A minha voz desvaneceu-se perante um ribombar distante que nos chegou aos ouvidos, o som de pés a marchar e gritos. Virei-me, alvoroçada, para a Hilde.

— Já começou! — exclamou ela.

Correu pela rua lateral abaixo em direção à avenida, obrigando-me a segui-la. Olhei furtivamente para trás, na esperança de que o alvoroço alertasse os ocupantes dos edifícios, mas só os cães preguiçosos arrebiteram as orelhas. Sob as janelas, ondulava roupa estendida, mas ninguém espreitava cá para fora.

Parei, ofegante, ao lado da Hilde. As pessoas amontoavam-se no passeio, à nossa frente, enquanto uma horda marchava pelo meio da rua, agitando estandartes e bandeiras brasonados com a águia negra do Kaiser. A maioria dos manifestantes eram jovens, com mãos rudes e as mangas das camisas enroladas até ao cotovelo, operários e quejandos das fábricas vizinhas — «ralé vulgar», resmungaria a minha mãe —, entoando: «Chama sagrada, brilha! Brilha e não te apagues. Erguemo-nos pela pátria, valentes por um homem. Lutando orgulhosamente pelo nosso império!»

— É o *Heil dir im Siegerkranz* — gritou-me a Hilde ao ouvido. — Estás a ver? Estamos em guerra!

Eu nem acreditava. À medida que os manifestantes se juntavam, as senhoras com as suas sombrinhas e cãesinhos pela trela, os homens

com os seus chapéus de coco e as precetoras com as crianças boquiabertas aplaudiam, erguendo os punhos em saudação, como se aquilo fosse um circo acabado de chegar à cidade.

— Estão doidos? — comentei, mas ninguém me ouvia. O clamor dos cantos tornara-se ensurdecedor, ecoando pela avenida e subindo para o céu encoberto de nuvens, ao ponto de quase não ouvirmos o toque da campainha da escola.

A Hilde arquejou.

— Estão a deixar-nos sair mais cedo. Despacha-te!

Arrastou-me pelo meio da multidão, empurrando e abrindo caminho, até chegarmos ao portão da escola, aberto de par em par, com as alunas empoleiradas para verem a parada, de olhos esbugalhados, os exagerados laçarotes do cabelo a abanarem, enquanto as professoras as puxavam para trás.

A Frau Becker viu-nos.

— Hilde! Maria! — gritou ela. — Venham já para dentro! — Encolhem-nos pelo meio das raparigas, ganhando um forte puxão de orelhas. — Como se atreveram a esgueirar-se?! — exigiu saber a Frau Becker. — O que é que vos passou pela cabeça?

A Hilde olhou para mim. As professoras julgavam que havíamos saído quando o portão se abria, pelo que respondeu rapidamente:

— Queríamos ver o que estava a acontecer. Não fomos longe.

— Foram demasiado longe — retorquiu a Frau Becker. — Vou informar a diretora. Que atrevimento, escapulirem-se quando o mundo está prestes a explodir!

— A explodir?

De súbito, aquela alegada guerra tornou-se assustadoramente real.

— Sim. Sua majestade imperial jurou vingar o assassinato do arquiduque Fernando da Áustria. A Alemanha tem de defender a sua honra. Mas isso não importa agora; com guerra ou sem guerra, não pode ser permitida tal insubordinação a rapariga alguma!

Levou-nos solenemente até ao gabinete da diretora. Enquanto eu e a Hilde enfrentávamos uma sova verbal, seguida da sentença de uma semana de estudo extra sem tempo livre no recreio, a nossa nação mergulhava de cabeça na calamidade, do lado de lá do portão.

ELA É UMA LENDA. ELA É MARLENE DIETRICH.

Criada num ambiente de relativa privação após a 1.^a Guerra Mundial, Maria Magdalena Dietrich, conhecida como Marlene, sempre sonhou com uma vida no palco. Quando a sua carreira como violinista é interrompida, Marlene decide desafiar as convenções sociais e forjar o seu próprio caminho. Envereda, assim, por um mundo boémio e desregrado ao atuar nos mais viciosos cabarés de Berlim. O seu estilo irreverente, a sua sensualidade e a sua voz única fazem de Marlene uma estrela.

Em 1933, quando os nazis ascendem ao poder, Marlene zarpa para a América, tornando-se uma das atrizes mais glamorosas de Hollywood, atuando junto a lendas como Gary Cooper, John Wayne e Cary Grant, e rivalizando com a enorme Greta Garbo. Manifestando sempre uma clara aversão ao regime nazi, Marlene decide pedir a cidadania americana e, quando o seu novo país entra na 2.^a Guerra Mundial, aceita deixar a América para atuar na linha da frente para milhares de soldados aliados.

Marlene parte como uma estrela, ansiosa por demonstrar o seu patriotismo, mas também por obter mais fama. Porém, o sangue derramado nos campos de guerra e o espectro de uma Alemanha devastada mudam-na para sempre.

Conheça outros livros de grande sucesso do autor:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-564-343-1



9 789895 643431

Romance Histórico